

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

131

INSCRIÇÕES 548-551



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
2015

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



548-550

INSCRIÇÕES DE *OLISIPO*
IDENTIFICADAS NA “CERCA VELHA”

Os três monumentos epigráficos que a seguir se estudam foram encontrados no troço de muralha (FIG. 1) localizado no Pátio da Sra. de Murça, Rua de S. João da Praça, nº 18 (freguesia de Santa Maria Maior, concelho de Lisboa), no âmbito dos trabalhos de conservação e restauro efectuados em 2012, acção incluída no *Projeto Integrado de Estudo e Valorização da “Cerca Velha” de Lisboa* promovido pela autarquia.

A estrutura visível encontra-se muito alterada por sucessivas reconstruções e remodelações, reflexo da dinâmica construtiva que as muralhas sofreram ao longo dos tempos, como estruturas vivas em permanente interação com o Homem e a cidade.

A área que conserva um paramento mais uniforme, composto maioritariamente por silharia e elementos arquitectónicos reutilizados, coincide com a linha do beiral do telhado. Foi nesta unidade que os fragmentos das placas se identificaram, servindo de calço a elementos pétreos do paramento. O monumento epigráfico de maior dimensão foi reutilizado como silhar, fazendo parte integrante de uma das fiadas, circunstância que impediu a sua remoção. Sobre esta unidade, uma construção de inícios do século XVI confirma a desactivação defensiva do troço, que passa a funcionar como muro de suporte daquele edifício. No canto inferior esquerdo,

uma “mancha” de pedras irregulares misturadas com fragmentos de tijolo, unidas por argamassas pouco cuidadas, traduz uma acção improvisada de reconstrução, preenchendo a lacuna causada pela penetração de uma casa do século XVII na própria muralha.

A sondagem arqueológica no subsolo, efectuada na continuidade deste pano, permitiu identificar o primeiro momento construtivo da estrutura, compreendido entre a desactivação de uma construção, ocorrida provavelmente no século III d. C., no qual a muralha assentou, e um momento posterior, datável do século V, correspondente a uma lixeira de detritos domésticos.

548

Epitáfio de um magistrado olisiponense

A sua localização está identificada com o nº 1 na FIG. 1; aí se mantém, aliás. Trata-se de um cipo paralelepípedo praticamente intacto, partido apenas na parte inferior, de calcário rosa com rudistas (FIG. 2, 2A E 2B).

Dimensões: [72] x 48,5 x 29,5.

Campo epigráfico: Só foi possível confirmar a altura: 71,5.

CASSIVS · L(ucii) · F(ilius) / GAL(eria tribu) ·
IVSTVS / D(ecurio) · AEDILICIVS / DVMVIRALIS [sic] / ⁵
FLAMINICVS / ANN(orum) · LXXV (quinque et septuaginta)
/ H(ic) · S(itus) · E(st)

Aquí jaz Cássio Justo, filho de Lúcio, da tribo Galéria, decurião edilício, duunviral, flamínico, de 75 anos.

Altura das letras: l. 1: 7; l. 2: 6; l. 3: 5 (último I ≈ 7); l. 4: 5; l. 5-7: 4,5. Espaços: 2: 2,5; 3 e 4: 2; 5: 2,5; 6: 2; 7: 1,5.

Não nos é possível ajuizar da paginação, mas não nos repugna ter sido equilibrada, atendendo ao fino recorte que – quanto nos é dado ver – apresentam as letras, bem gravadas a bisel. Veja-se, a título de exemplo, o S – simétrico e de mui

elegante rasgo. A altura das letras é muito regular dentro de cada linha, diminuindo à medida que o texto se aproxima do seu final.

Inscrito na tribo Galéria, que é a de *Olisipo*, o defunto pertence a uma das famílias mais frequentemente assinaladas na epigrafia olisiponense, celebrizada, por exemplo, pelas chamadas Termas dos Cássios.¹ O *cognomen*, *Iustus*, é latino e quase nos poderíamos atrever a considerá-lo típico de *Olisipo*, se tivermos em conta que, dos 7 testemunhos consignados no *Atlas Antroponímico* de 2003,² 4 são desta cidade.³

Não é frequente encontrar-se alguém de quem assim se diga que ocupou tantas funções municipais, o que, no entanto, se compreende por não estarmos perante uma epígrafe honorífica mas sim funerária. De provecta idade quando faleceu – e podemos crer que, embora arredondada em lustros, 75 equivalha a uma idade bastante aproximada –, Cássio Justo pertence, naturalmente, à ordem dos decuriões, assembleia que incorporava os antigos magistrados, e dele se refere que foi edil, duúviro e exerceu funções de flâmine. Um *cursus* notável, inclusive pela singularidade com que epigraficamente vem apresentado, o que torna este monumento um exemplo a realçar. Pelo tipo de letra e pela simplicidade do texto (a enumeração dos cargos desempenhados é, na verdade, apresentada singelamente), dataríamos a epígrafe de meados do século I da nossa era.

¹ Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), «As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade?», in Jean-Gérard GORGES, José d'ENCARNAÇÃO, Trinidad NOGALES BASARRATE e António CARVALHO [edit.], *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade* (Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana), Câmara Municipal de Cascais, 2009, p. 481-493. <http://hdl.handle.net/10316/12857>. Em NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, 2003, p. 135, mapa 80, se dá conta dessa concentração de *Cassii* no termo olisiponense.

² Cf. *Atlas Antroponímico* citado na nota anterior: p. 206, mapa 160.

³ No *Atlas* inclui-se CIL II 33*, que é de Roma: cf. ENCARNAÇÃO (José d'), «Apostilas epigráficas – 4», *Conimbriga* L 2011 111-112 (acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/26309>).

Principais unidades estratigráficas identificadas no pano de muralha no Pátio da Sr^a de Murça e localização das epígrafes

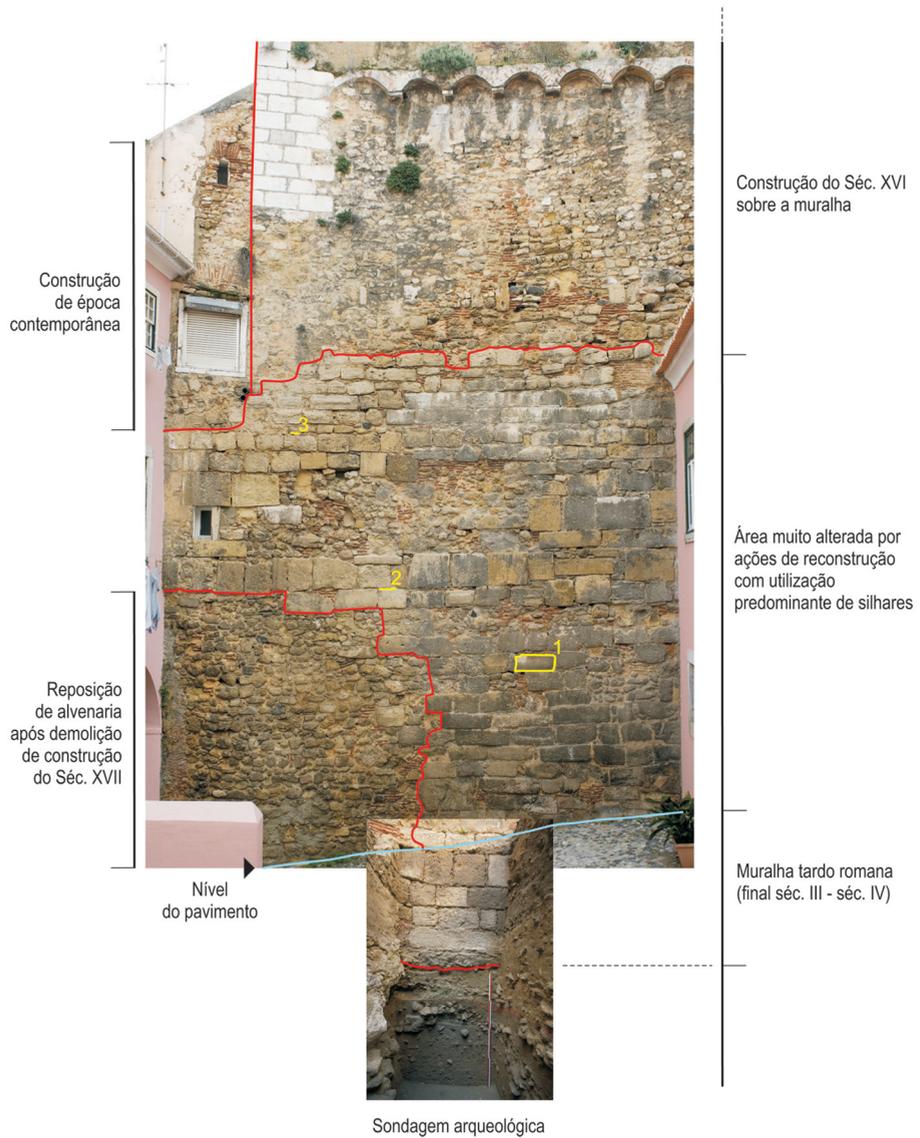


Fig. 1



FIG. 2



FIG. 2 A



FIG. 2 B

Epitáfio de Calíope ao filho

O local de achamento está identificado com o nº 2 na FIG. 1.

Dois fragmentos de placa funerária romana, em calcário rosa com rudistas (FIG. 3). Justapostos, completam as três últimas linhas do epitáfio; falta, porém, um bom pedaço do canto superior esquerdo, assim como eventuais linhas do começo da epígrafe, porquanto o fragmento da direita não cobre o cimo e perdeu-se a metade esquerda das linhas anteriores à antepenúltima. A face posterior é polida.

Foram guardados no Centro de Arqueologia de Lisboa (Departamento de Património Cultural, Câmara Municipal de Lisboa).

Dimensões: 18 x 30 x 1,8/2,2.

Campo epigráfico: [16,4] x 27.

[...] [?] / [...] [A?] GIO / A[NNORV?] M · XV (*quindecim*)
/ CALLI[O] PE MATER / FILIO PISSIMO · / ⁵ F(*aciendum*)
C(*uravit*)

A (...), de 15 anos. Calíope, a mãe, mandou fazer ao filho modelo de piedade.

Altura das letras: l. 2: 2,3/2,6; l. 3: 2,1/2,7; l. 4: 2,1/2,6; l. 5: 1,9/2,0. Espaços (entre o 2º traço de uma linha e o 1º da linha imediatamente a seguir): 3: 3,4; 4: 3,3; 5: 3,2; 6: 2,6.

Paginação cuidada, segundo eixo de simetria. Campo epigráfico limitado de ambos os lados por uma linha incisa. Marcadas as linhas de pauta, duplas (distanto 0,2/0,4 cm entre si). Pontuação na linha 2: amplo triângulo isósceles; na l. 4, após *piissimo* também poderá ter existido um ponto em forma de cauda de andorinha.

Caracteres actuários, gravados a badame, terminando com requinte nos vértices e denotando alguma leveza no traçado, mormente se atentarmos nas terminações superiores do M, aliás de pernas levemente lançadas para diante, não

rectilíneas. De notar a barra arqueada do T. As letras assentam na linha de pauta; não tocam, no entanto, na linha de pauta superior, o que sugere não ter o lapicida compreendido perfeitamente (ou recusou-se a compreender...) a sua finalidade, o que pode denunciar, por outro lado, eventual marcação dessas linhas na superfície a epigrafar, mesmo antes de ter sido feita a encomenda do texto.

Na l. 1, nota-se a ponta final direita de uma letra, que, por em seguida nos parecer indubitável um G de «cauda» bem enrolada para dentro, sugerimos que seja de um A. Não se nos afigura prudente arrolar hipóteses de reconstituição do antropónimo aí oculto, tantas poderiam ser.

Na l. 2, fomos tentados a reconstituir por extenso ANNORVM, pois XV é, naturalmente, a menção da idade do defunto.

Na l. 3, CALLIOPE reconstitui-se sem dúvida, pois resta ainda boa porção do I e vestígios da curvatura do P.

Na l. 4, mau grado as lascas que saíram e a fractura, PIISSIMO lê-se sem problemas: há a metade da haste do P e o vértice do primeiro I.

Não é possível identificar o defunto. A mãe ostenta o nome da musa da eloquência, o que nos leva a supor tratar-se de uma escrava ou de uma liberta (nesse caso, preferiu usar apenas o nome servil por que era habitualmente designada mesmo após a libertação). *Calliope* é nome que denuncia ambiente cultural não despidendo por parte da família. No território lusitano, registam-se testemunhos em *Conimbriga*, na *civitas Igaeditanorum*, em Medellín e em Trujillo,⁴ ou seja, predominantemente em ambiente urbano. Compulsando <http://eda-bea.es>, verificamos que aí se dá conta de mais três registos, até ao momento, no conjunto da Península. A escassez de testemunhos confirma, pois, o realce cultural a dar-se à sua ocorrência.⁵

4 NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis)J [coord.] 2003: *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Mérida-Bordeaux, 2003, p. 128.

5 Cf. COELHO (Luís) e DIAS (Maria Manuela Alves), «As *Musae* na *Hispania*: Mitonímia e onomástica pessoal», *Euphrosyne* XVI 1988 341-352. A ocor-

Registe-se, por fim, a natural ternura que se desprende do texto, não só por se assinalar a morte de um menino de 15 anos, mas também por ser esse um apanágio das epígrafes funerárias que envolvem libertos: *mater filio piissimo* constitui, na verdade, expressão pleonástica – *mater / filio* – donde essa saudade ressuma, sublinhada pelo superlativo.

Pela paleografia e pelo formulário, é epígrafe datável da 2ª metade do século II da nossa era.



FIG. 3

549

rência de *Calliope* é aí referida nas p. 349-351. Sobre a adopção destes nomes, os autores assinalam tratar-se de costume predominantemente adequado, como é natural, à onomástica feminina e aplicável a pessoas «de poder económico relativamente baixo»; observam, ainda, que «evidencia, quase sempre, a dependência jurídica», porque «este tipo de cognomes não correspondia, em prestígio social, à carga cultural que o significado do cognome músico potencialmente representaria» (p. 351).

A localização do sítio de achamento está identificada com o nº 3 na FIG. 1.

Fragmento de placa funerária romana de calcário rosa com rudistas (FIG. 4). Trata-se do canto inferior direito, denotando a irregularidade do corte que se destinava a ser incrustado no monumento sepulcral, o que, aliás, parece também poder deduzir-se da diferente pátina que apresenta; contudo, a face posterior foi polida.

Está depositado no Centro de Arqueologia de Lisboa (Departamento de Património Cultural, Câmara Municipal de Lisboa).

Dimensões: [20,4] x [15,7] x 2,5/2,8.

[...] [?] / [...] ANO / [...] NA VXOR P(*ientissima?*) S(*ua?*)

Altura das letras: l. 1: 5,2/5; l. 2: 5. Espaço 2: 1,2/1,5.

A paginação deve ter sido cuidada, uma vez que os vértices dos caracteres denunciam, através dos breves traços horizontais, prévia existência de linhas auxiliares ora imperceptíveis. O substancial estreitamento das letras na l. 2 também indicia que se pretendeu alinhar o texto à direita e fazer caber tudo no espaço disponível, o que determinou a bem visível diferença de módulo. Essa diferença está bem patente, por exemplo, no A, que se mostra largo e de leve barra ligeiramente oblíqua, na l. 1, e quase em jeito de lambda, com o ponto de encontro das duas hastes pouco acima do travessão, na l. 2.

Caracteres actuários, gravados em bisel, com notável assimetria de corte para acentuar a visibilidade do claro-escuro. Assinale-se que a parte superior do R não é fechada, como não é fechado o P. Elegante, o S: simétrico e de vértices assinalados com breves traços verticais. Um cuidado trabalho por parte do lapicida.

É provável que tenha havido uma ou mais linhas antes do texto de que ora dispomos. Na actual l. 1, há o final do *cognomen* (ou do nome único) do defunto, em dativo, sendo ilusório apontar um, na medida em que se trata de terminação invulgarmente comum. Na l. 2, há a última letra do nome da dedicante, a esposa (*uxor*), podendo supor-se com alguma razoabilidade que a fractura ocorreu ao nível

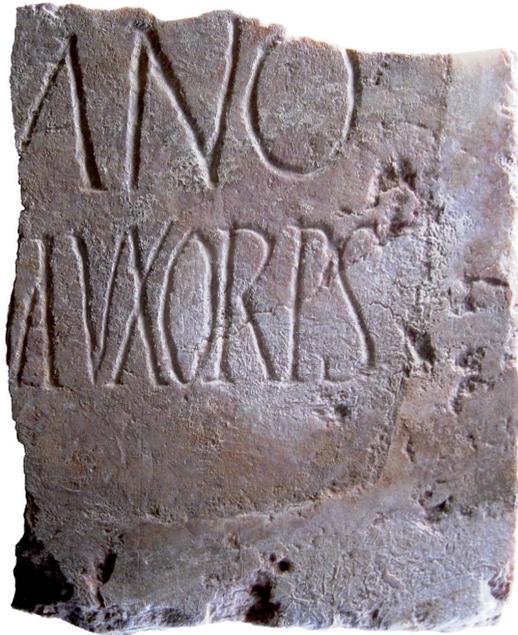
da letra anterior, um eventual N. Não há pontuação e as duas letras derradeiras poderão interpretar-se como siglas de uma fórmula final ou – mais verosimilmente, embora inusitados nesta posição – como qualificativos de *uxor*. Na verdade, se P leva de imediato a pensar em P(*osuit*), o S não se enquadra nos típicos formulários funerários romanos. A proposta que apresentamos, a título de mera hipótese, afigura-se-nos plausível, a requerer, porém, paralelos confirmativos.

Pela paleografia e simplicidade do texto (por quanto nos é dado imaginar), será monumento datável de meados do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

MANUELA LEITÃO *

VASCO LEITÃO *



550

FIG. 4

* Arqueólogos do Centro de Arqueologia de Lisboa (Departamento de Património Cultural, Direcção Municipal de Cultura, Câmara Municipal de Lisboa) responsáveis pelos trabalhos de arqueologia desenvolvidos no local em apreço.